

Friedenreich e a ambiguidade da identificação racial no Brasil

Friedenreich and the Ambiguity of Racial Identification in Brazil

Bruno Otávio de Lacerda Abrahão

Universidade Federal da Bahia, Salvador/BA, Brasil
Doutor em Educação Física, Universidade Gama Filho
bruno.abrahao@ufba.br

Antonio Jorge Gonçalves Soares

Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro/RJ, Brasil
Doutor em Educação Física, Universidade Gama Filho
ajgsoares@gmail.com

RESUMO: Este artigo aborda a ambiguidade racial do ex-jogador de futebol Arthur Friedenreich. Sua biografia revela um jogo entre heteroidentificação, produzida pela historiografia do futebol brasileiro e autoidentificação, indicada nas fontes contemporâneas que se reportaram a ele. Nosso objetivo é analisar o “preconceito à brasileira” na sua biografia. Para tanto, apresentaremos o jogo Preto x Branco, a discussão sobre o modo como o preconceito opera no Brasil e sua relação com a escrita da história do futebol brasileiro, reportando-se ao aspecto racial do ex-jogador. Concluímos que Friedenreich representa um personagem que encarnou a ambiguidade do modo como pretos e mestiços foram assimilados ou discriminados, através de uma complexa avaliação que considera aspectos fenotípicos e sociais. A biografia do ex-jogador de futebol Friedenreich dialoga com a ambiguidade das marcas do “preconceito à brasileira” e aglutina as especificidades dos critérios de identificação de brancos e pretos no Brasil.

PALAVRAS-CHAVE: Futebol; Relações Raciais; Preconceito.

ABSTRACT: This article approaches the ex football player Arthur Friedenreich racial ambiguity. His biography reveals a game between hetero identification, produced by brazilian football historiography, and self-identification indicated in the contemporary sources which are reported to him. Our goal is to analyse the “Brazilian prejudice” in his biography. Therefore, we are going to present the game Black X White, the discussion on how prejudice operates in Brazil and its relation with the writing of the history of Brazilian football refers to the racial aspect of the former player. We concluded that Friedenreich represents a character which embodied the ambiguity of how blacks and mestizos were assimilated or discriminated through a complex avaiation which considers phenotypic and social aspects. The ex football player biography Friedenreich dialogues with the ambiguity of the brands of "Brazilian prejudice" and agglutinates the specificities of the identification criteria for whites and blacks in Brazil.

KEYWORDS: Football; Racial Relations; Prejudice.

INTRODUÇÃO

Na historiografia do futebol brasileiro, a vida do ex-jogador Arthur Friedenreich ocupa um capítulo à parte. Em virtude do prestígio adquirido pelo seu alto desempenho nas partidas de futebol, nas primeiras décadas do século XX, ele é lembrado como o principal jogador daquele período e o primeiro grande ídolo desse esporte no Brasil.¹ Por isto, ele é personagem frequente nos lugares que guardam a memória do futebol no país, especialmente em São Paulo, capital.

Ao analisar como o ex-jogador aparece nos museus da cidade, Abrahão e Soares² perceberam que além das estatísticas futebolísticas que fizeram dele um jogador de notoriedade nas décadas iniciais do futebol no país, outros apontamentos trazidos por estes “Lugares de memória”³ indiciam a ambiguidade de sua identidade racial naquele período. Sintetizando os significados assumidos pelos elementos da biografia de Friedenreich, elegidos para serem rememorados nos museus da cidade de São Paulo, os autores destacam o fato de o biografado aparecer nos locais pesquisados como um símbolo de sucesso do futebol mestiço, da mobilidade social via democratização racial, como um ator social que representa tanto as tensões raciais quanto os processos de embranquecimento da época. Sua heteroidentificação racial no presente e sua alta competência futebolística no passado fazem dele um símbolo apropriado pela memória social nas exposições dos museus. Tais exposições, para além de seus feitos, não deixam de apresentar indícios das estratégias de embranquecimento, ao mesmo tempo em que o coloca como o primeiro herói preto a construir a saga do negro no futebol brasileiro.

Para Gonçalves Jr.⁴ o percurso de Friedenreich permite a visualização de uma série de práticas que constroem no cotidiano toda uma cultura e uma mentalidade, próprias de uma vida urbana e moderna, que se instalou em São Paulo no início do Século XX. Além disso, adiciona-se um novo elemento que justifica a atenção: ele personifica a ambiguidade do complexo sistema de classificação racial brasileiro

¹ RODRIGUES FILHO. *O negro no futebol brasileiro*.

² ABRAHÃO; SOARES. O ex-jogador de futebol Arthur Friedenreich nos museus da cidade de São Paulo, p. 93-111.

³ NORA. Entre memória e história: a problemática dos lugares, p. 7-28.

⁴ GONÇALVES. *Friedenreich e a reinvenção de São Paulo: o futebol e a vitória na fundação da metrópole*.

naquele período. Um indício desta ambiguidade pode ser observado a partir da sua participação no jogo “Preto x Branco”, evento da agenda do futebol paulista daquele período como parte das celebrações da abolição da escravatura. Na contramão de muitas produções jornalísticas e acadêmicas, matérias de jornal sobre estes jogos fornecem indícios que contrariam parcialmente as leituras atuais sobre esse personagem no contexto da sociedade ou do futebol brasileiro à época.

Os jogos “Preto x Branco” foram objeto de alguns estudos desenvolvidos por Abrahão e Soares. No primeiro deles (2012),⁵ os autores observaram os significados daqueles jogos realizados entre jogadores autodeclarados pretos e brancos, que ocorreram 39 anos após a formalização do fim da escravidão. As matérias sobre estes jogos davam conta de que foram promovidos pelas instituições de futebol e realizados com a anuência da “Associação dos Homens de Côr”, que se beneficiava com a doação da renda do evento para financiar parte de suas atividades. Tais jogos apresentam significados sobre o debate racial e as representações sobre as “raças”, em uma sociedade que passava a ser constrangida pelos códigos de uma ordem liberal. Com toda pompa que merecem os grandes cerimoniais nacionais, esses eventos singulares foram idealizados para celebrar a emancipação política com o fim oficial da escravidão. Em (2016),⁶ a atenção foi dada ao modo como a ausência de violência nos jogos se relacionava com temas como “raça” e “civildade” brasileira e refletia as demandas do contexto histórico e os dilemas identitários acerca da população brasileira naquela ordem pós-escravocrata. A República buscava afirmação de sentidos e símbolos de coesão social sobre o Brasil e sobre ser brasileiro. A realização desses jogos serviria para mostrar que o país, mesmo com a memória da escravidão ainda recente, soubera superar o preconceito de cor e de raça. Portanto, o evento tinha um caráter ritual quando destacava a harmonia entre brancos e pretos no campo de futebol, ambos submetidos às mesmas regras. O evento tinha por intenção simbólica expressar a convivência pacífica e igualitária naquele jogo ritual entre brancos e pretos na sociedade paulistana. Por fim, em

⁵ ABRAHÃO; SOARES. O futebol na construção da identidade nacional: uma análise sobre os jogos "pretos x brancos" .

⁶ ABRAHÃO; SOARES. Raça e civildade nos jogos “preto x branco”.

(2017),⁷ o interesse foi realizar uma leitura do modo como a imprensa da época se reportava às quatro vitórias dos times dos pretos, das duas dos brancos, além do empate. Concluíram que os jogos objetivavam integrar e contestar o preconceito no Brasil e, como consequência deste movimento de aproximação entre iguais, emergiram os estereótipos positivos sobre as qualidades corporais para falar das vitórias dos pretos assim como elementos do plano do jogo para falar da vitória dos brancos. Pensado após a abolição, o efeito ambíguo desse elogio reside no fato de localizar os campos de futebol como espaços de integração do preto na sociedade brasileira. O diferencial deste texto reside na atenção à ambiguidade da identificação racial no Brasil da época personificada na biografia do primeiro ídolo do futebol no país.

Souza⁸ traz outra interpretação sobre os jogos. Segundo o autor, eles foram uma saída conciliatória e silenciadora em um período de afirmação social. Todos os elementos parecem ter sido cuidadosamente construídos para dramatizar a questão racial brasileira por meio do futebol, através de um conflito latente da sociedade paulistana nos anos de 1920 e 1930. A idealização destes jogos pela elite paulistana buscava a conciliação de raças, um apaziguamento da tensão pós-abolição. “Essas partidas podem ser consideradas a representação de uma guerra que não aconteceu de fato, uma guerra simbólica disputada com uniformes e chuteiras, ao invés de fardas e coturnos. É o futebol como guerra simbólica”.⁹ Em contrapartida, a sociologia damattiana teria nesses jogos uma prova de que o futebol seria um tipo de experiência ritual, na qual a sociedade hierarquizada permitia um momento de igualação dos homens, quando submetidos à isonomia das mesmas regras durante o certame. Para DaMatta,¹⁰ o futebol se tornou um dos poucos espaços da experiência liberal no Brasil no qual se permite a afirmação dos méritos individuais e coletivos, independentemente da cor e da origem social.

Ao longo das sete edições do jogo “Preto x Branco”, atuaram dezenas de jogadores, dentre os quais Arthur Friedenreich, que participou, segundo as fontes disponíveis, de duas dessas edições. Friedenreich era considerado o melhor jogador

⁷ ABRAHÃO; SOARES. Futebol, raça e identidade nacional: uma análise do desempenho dos jogadores nos jogos preto x branco.

⁸ SOUZA. *Esporte e Política (1926-1938)*.

⁹ SOUZA. *Esporte e Política (1926-1938)*, p.111.

¹⁰ DAMATTA. *Universo do futebol: esporte e sociedade brasileira*.

do futebol brasileiro naquele momento e foi escalado no time dos brancos nas edições de 1927 e 1928, não tendo sido encontrado nas edições posteriores nos periódicos que se ocuparam deste evento. Wisnik¹¹ descreve que Friedenreich também num combinado de pretos paulistas contra cariocas, em 1929, pelo time dos pretos, inclusive como capitão da equipe. A matéria do Jornal Clarim D'Alvorada, vinculado à imprensa negra da época, de dia 3 de fevereiro de 1929, anuncia: “Esporte. Futebol. Uma bella victória da nossa mocidade. O grande encontro amistoso do combinado lafeano (pretos de São Paulo) vs combinado carioca da Metro”.¹² Abaixo dessa chamada está estampada uma foto de Friedenreich com o refrão “capitão do quadro preto” e o resultado: Paulistas 6 x Cariocas 2. Em 25 de maio de 1932, uma nova participação no time dos pretos: a Frente Negra Brasileira promoveu a Taça Princesa Isabel e o jogo terminou com grande vitória do time dos brancos por 6 a 1. Na oportunidade, quem teria escolhido os jogadores do selecionado dos pretos foi Friedenreich, “uma figura curiosa nessa híbrida história”.¹³

A questão que se coloca é: como se dava o processo de hetero e autoidentificação naquele contexto? Nosso intuito não é banalizar a discussão para simplesmente afirmar se ele se passava por branco ou preto naquela sociedade, mas sim tomá-lo como um caso que revela os significados culturais atribuídos a cor, raça e classe na época. Na esteira de Lucena, a intenção é refletir sobre aspectos da vida de um dos ídolos do futebol brasileiro, ao lado da sua prática no Brasil, ao lado da prática do futebol no Brasil: “como componente de um processo do qual participam as transformações econômicas, culturais e políticas, concomitantemente”.¹⁴ Com efeito, Friedenreich, por certo, revela a ambiguidade racial daquele período.

O fato de o jogo de brancos contra pretos de 1927, patrocinado pela LAF, ter o grande ídolo Friedenreich relacionado no time dos “brancos”, enquanto em outras oportunidades ele jogou pelo time de “pretos”, demonstra a ambiguidade da linha de cor que misturada a outros atributos sociais e corporais dos indivíduos. Para a LAF, em 1927, ele era o ídolo do futebol da época, o herói da Copa Sul-Americana de 1919. Frequentava as altas rodas da sociedade paulistana e tinha alguns traços

¹¹ WISNIK. *Veneno remédio: o futebol e o Brasil*.

¹² GONÇALVES JR. *Friedenreich e a reinvenção de São Paulo*, p. 90.

¹³ CAMPOS. *O homem negro no esporte Bandeirante*, p. 111.

¹⁴ LUCENA. *Fried, o futebol e a individualização do sportman*, p. 222.

corporais e comportamentais de branquitude. Sua presença no time dos brancos revela as singularidades do preconceito racial no Brasil através de um modo classificatório que não opera apenas através de caracteres biológicos ou pelo corpo em si, mas também por outros indicadores culturais, sociais e econômicos, marcas que podem definir o que era ser preto ou branco naquela sociedade.

Temos em Friedenreich um jogo de contraste entre heteroidentificação, produzida por parte da historiografia e da memória do futebol brasileiro, indicada nas fontes contemporâneas que se reportaram a ele, bem como a ambiguidade da sua autoidentificação que as fontes em sincronia com a sua vida revelam. Assim, nos colocamos o desafio de analisar as dissonâncias e ambiguidades desta aparente contradição: como um mesmo jogador poderia ser preto e branco? De um lado, as representações que o colocam como um herói preto, um mulato de sucesso nos primórdios do futebol brasileiro. De outro, um preto embranquecido que supostamente não aceitava sua origem mestiça, mas mesmo assim se permitia jogar pelo time de pretos no jogo contra brancos, conforme está indiciado nas fontes da imprensa daquela época. Nosso objetivo é analisar o “preconceito à brasileira” na sua biografia.

FRIEDENREICH E O “PRECONCEITO À BRASILEIRA”

Em Oracy Nogueira,¹⁵ encontramos uma contribuição fundamental para a compreensão da forma como o preconceito e discriminação operam no Brasil. O ponto central da sua reflexão é a permanência, o desenvolvimento e a especificidade do “preconceito de cor” ou “de marca”. Seu objeto teorizado foi à complexa constelação de preconceitos baseados em marcas, afastados de origens geográficas ou culturais, resguardados por ideologias assimilacionistas, que dificultam o cultivo

¹⁵ Oracy Nogueira nasceu em 1917, Cunha (SP), e faleceu na mesma cidade em fevereiro de 1996. Aos 23 anos ingressou no bacharelado em Ciências Sociais da Escola Livre de Sociologia e Política e o concluiu em 1941 com a publicação da pesquisa escrita em 1942: “Atitude Desfavorável de Alguns Anunciantes de São Paulo em relação aos Empregados de Cor”. Em 1945, ele concluiu o mestrado com a dissertação “Vozes de Campos de Jordão. Experiências Sociais e psíquicas do tuberculoso Pulmonar do Estado de São Paulo. Entre 1945 e 1947, Nogueira obteve uma bolsa do *Institute of International Education* e seguiu para a realização do doutoramento naquela universidade. Naquele período o interesse pelas relações raciais ampliou-se cujo livro em questão é resultado (Cavalcanti, 1998).

de diferenças identitárias pelos discriminados.¹⁶ Para ele, o “preconceito de marca” seria o predominante na cultura brasileira, onde as nuances cromáticas da pele contribuíram para um futuro mais ou menos promissor, nos moldes de um sistema econômico competitivo e excludente. No Brasil, o preconceito operaria uma complexa equação na qual os aspectos físicos, sociais, econômicos e culturais tornam a pessoa branca ou não-branca. Em outras palavras, a cromatização da pele, contrabalançada com atributos culturais e econômicos, definem quem é branco e quem não é, a despeito da ascendência, aqui vale o “fenótipo físico e social”. Este tipo de preconceito varia de intensidade conforme a nuance da cor negra: quanto mais escura é a cor da pele do indivíduo, mais ele sofre as consequências do preconceito de cor.

No Brasil, disse Nogueira, “o preconceito tende, antes, a situar os indivíduos, uns em relação aos outros, ao longo de um *continuum* que vai de extremamente ‘negróide’, de um lado, ao complementarmente ‘caucasóide’, de outro”.¹⁷ Em suas palavras,

[...] os indivíduos são classificados e se classificam a si próprios como brancos, pardos ou mulatos claros, pardos ou mulatos escuros e pretos – variando, até certo ponto, os “tipos” reconhecidos e as respectivas designações de uma para outra região do país – levando-se em consideração, em cada caso, a ausência ou a concentração de traços negróides (densidade da pigmentação, textura e cor dos cabelos, formato do nariz e dos lábios etc.), ou seja, a aparência resultante da combinação ou fusão de traços europeus e africanos.¹⁸

Na vida social, os caracteres negróides “implicam preterição de seu portador quando em competição, em igualdade de condições com indivíduos brancos ou de aparência menos negroide”.¹⁹ Consequentemente, o *status* ou o sucesso do indivíduo negróide depende, em grande parte, da compensação e da neutralização de seus traços “pela associação com outras condições, inatas ou adquiridas, socialmente tidas como de valor positivo ou negativo – grau de instrução, ocupação, aspecto estético, trato pessoal, dom artístico, traços de caráter etc”.²⁰

O futebol se radicou no Brasil na esteira de transformações sociais e políticas – fim da escravidão e do Império, instauração da primeira República e adoção de

¹⁶ GUIMARÃES. *Preconceito de cor e racismo no Brasil*.

¹⁷ NOGUEIRA. *Preconceito de marca: as relações raciais em Itapetininga*, p. 199.

¹⁸ NOGUEIRA. *Preconceito de marca: as relações raciais em Itapetininga*, p. 199.

¹⁹ NOGUEIRA. *Preconceito de marca: as relações raciais em Itapetininga*, p. 200.

²⁰ NOGUEIRA. *Preconceito de marca: as relações raciais em Itapetininga*, p. 200.

novos modelos socioculturais europeus em vigor na virada do século XIX para o XX. Intimamente relacionado com o processo de modernização das cidades e essencialmente ligado aos valores da sociedade em geral, a vivência destas práticas era uma das formas de distinção social daquela sociedade recentemente republicana. Uma das vias de afirmação de status era a participação social nos clubes aristocráticos²¹ das classes abastadas da capital paulista. Todavia, o futebol se disseminou para além dos muros dos clubes de elite e foi apropriado pelas camadas populares que realizavam a prática do esporte nos campos de várzea²² e se organizavam em clubes modestos para viver a experiência cidadina.²³

Nas três primeiras décadas do século XX, o futebol deixou de ser amador e elitista, marcando uma reorganização de novas fronteiras da apropriação deste esporte. A profissionalização, oficializada em 1933, passou a ser um mercado laboral para as camadas populares, beneficiadas com a concorrência entre os clubes e a debandada dos jovens bem-nascidos incomodados com a popularização do esporte. Na fase amadora, não raro, houve alguma forma de burlar as regras estabelecidas, colocando em xeque a ideia de que a prática do futebol era uma das marcas de distinção social das classes abastadas que vedava, em tese, à remuneração dos praticantes. Tal norma decorria da moralidade do *ethos* amador que se tornava, ao mesmo tempo, uma forma de interdição às classes trabalhadoras aos circuitos de sociabilidade da elite. Os clubes eram espaços frequentados por pessoas de alto *status* social, “era um lugar de sociabilidade entre iguais”.²⁴

Em função disto, o futebol era um cenário onde as lógicas de classificação e as tensões de raça e cor emergiam naquela sociedade. Friedenreich em geral era tratado como “branco” por ter iniciado a carreira no Germânia, clube da colônia alemã, sendo ele descendente de alemão; também teve sua melhor fase como atleta durante os anos 20 no Paulistano, clube que melhor representava a elite paulistana

²¹ Denominação dada pela historiografia aos clubes de elite formados no final do Séc. XIX e nas primeiras décadas do XX.

²² Denominação dada aos campos de futebol instituídos em espaços urbanos livres e desabitados, nas margens dos rios urbanos em áreas alagáveis e de pouco valor econômico.

²³ SEVCENKO. *Orfeu extático na metrópole: São Paulo, sociedade e cultura frementes anos 20*.

²⁴ DAMO. *Do dom à profissão: a formação de futebolistas no Brasil e na França*, p. 74.

naquele momento²⁵. Todavia, parte da literatura ou da memória, quando fala de Friedenreich, acaba revelando as nuances da ambiguidade racial no Brasil.

Mário Filho, ao publicar a primeira edição do livro *O negro no futebol brasileiro* em 1947, pela Irmãos Pongetti Editores, toma Friedenreich, entre outros negros e/ou mulatos, como o primeiro herói do futebol brasileiro, aquele que inaugurou a saga dos negros neste esporte. Ele teria inaugurado a saga do negro abrindo as portas para a democratização racial no futebol brasileiro. Isso marcaria a presença de pretos e “mulatos” incorporados ao esporte, antes destinado às elites brancas. Para Mário Filho, a vitória brasileira no Campeonato Sul-Americano de 1919, seria uma inflexão do papel do negro no futebol, pois “o chute de Friedenreich teria aberto o caminho para democratização do futebol brasileiro, democratização que viria lentamente, mas que não pararia mais, a despeito de tudo”.²⁶ Tais questões foram levantadas por Mário Filho, referindo-se a Friedenreich como um mulato que queria “passar por branco”.²⁷ Ao descrevê-lo, Mário Filho salienta algumas de suas características:

Friedenreich, de olhos verdes, um leve tom de azeitona no rosto moreno, podia passar se não fosse o cabelo. O cabelo farto, mas duro, rebelde. Friedenreich levava, pelo menos, meia hora amansando o cabelo.

Primeiro untava o cabelo com brilhantina. Depois, com o pente, puxava o cabelo para trás. Cabelo não cedendo ao pente, não se deitando na cabeça, querendo se levantar. (...)

O velho Friedenreich não perdia um *match* do filho. E fazia questão de dizer a todo mundo que era o pai. (...) O cabelo do Arthur, bem preto, bem espichado brilhava ao sol. Não parecia cabelo dele. Parecia mais postiço, colado na cabeça com goma arábica. Ele podia meter a cabeça na bola. A cabeleira não caía, ficava onde estava. Nem um fio desmanchado. Não era cabelo postiço, era cabelo “não nega”.

Denunciando o mulato Friedenreich,

Outros mulatos tinham jogado futebol. Mulatos e pretos. Tinham jogado, jogavam mais do que antes. Antes ninguém se preocupava com a cor. A cor não importava. O que importava era o meio. Friedenreich não era do meio do Ipiranga?²⁸

A partir dessa passagem de Mário Filho, podemos extrair algumas marcas que são reconhecidas da heteroidentificação da cor de um indivíduo na sociedade

²⁵ GONÇALVES JR. *Friedenreich e a reinvenção de São Paulo*.

²⁶ RODRIGUES FILHO. *O negro no futebol brasileiro*, p. 54.

²⁷ RODRIGUES FILHO. *O negro no futebol brasileiro*, p. 61.

²⁸ RODRIGUES FILHO. *O negro no futebol brasileiro*, p. 61.

brasileira. Embora o jornalista tenha salientado que o jogador tinha os olhos verdes, um sobrenome europeu (que indicava a ancestralidade alemã) e frequentasse o “meio” do Ipiranga, clube da elite paulistana, ele demarca que Friedenreich era mulato, em função do cabelo crespo, herdado da mãe afrodescendente brasileira. A tônica do texto é chamar atenção para o fato de que Friedenreich destinava tempo para arrumar o cabelo como uma forma de branqueamento, para esconder marcas da mestiçagem e assumir a posição social que julgava legítima para seu status.

Mário Filho decidiu que ele era “mulato” para construir a saga e a democratização do futebol brasileiro, quando pretos e “mulatos” teriam sido incorporados ao esporte e se tornariam a marca da identidade do Brasil no futebol. A literatura, quando se reporta a Friedenreich, descreve esse tipo de ambiguidade. Gonçalves Jr.²⁹ diz que ele jogava como um “mulato de várzea, com o ritmo das danças da cultura brasileira. Mas ele alisava cabelo e jogava no aristocrático paulistano, na seleção dos brancos contra os negros”. Cabe lembrar que a descrição de Mário Filho tinha uma função na estrutura de seu livro. Alinhada à noção de democracia racial de Gilberto Freyre, queria narrar o processo de democratização do futebol brasileiro até 1947, época em que havia escrito a primeira edição de *O negro no futebol brasileiro*.³⁰ Separar temporalmente a data da primeira edição das demais é fundamental para entender que nessa edição o futebol tinha se tornado mais um exemplo da democracia racial no Brasil.³¹ Mário Filho atribui a popularidade de Friedenreich ao fato “de ele ser mulato, embora não quisesse ser mulato, do que ele ter marcado o gol da vitória dos brasileiros [no Sul-Americano de 1919]. O povo descobrindo, de repente, que o futebol devia ser de todas as cores, futebol sem classes, tudo misturado, bem brasileiro”.³²

As lentes da democracia racial e da integração nacional emolduram a narrativa de Friedenreich e de outros heróis pretos do futebol brasileiro. Para Mário Filho, a figura de Friedenreich no gol da vitória, mais que o próprio gol, teria produzido a eficácia simbólica demonstrando que o futebol se tornou, naquele momento, o espaço da expressão da democracia racial no Brasil. A popularidade de

²⁹ GONÇALVES JR. *Friedenreich e a reinvenção de São Paulo*, p. 103.

³⁰ SOARES. História e a invenção das tradições.

³¹ SOARES. História e a invenção das tradições.

³² RODRIGUES FILHO. *O negro no futebol brasileiro*, p. 69.

Friedenreich mostrava que a exclusividade do branco no futebol estava chegando ao fim. Mário Filho também quer demarcar que a democratização do futebol se iniciou no momento em que o futebol se tornou um lugar de expressão do mérito para além das origens sociais e étnicas. O que importava era a vitória, a bola lá dentro, no fundo das redes: “metida por um branco, um mulato, um preto. Pouco importava”.³³

[...] nenhum clube com um mulato, com um preto no time, tinha sido campeão de 6 a 22. Só o escrete brasileiro com Friedenreich. Friedenreich, porém, tinha pai alemão, não queria ser mulato. Nem mesmo quando se separou o branco do preto, quando se quis ver quem jogava mais, o branco ou o preto. Formava-se um escrete de brancos, um escrete de pretos e mulatos, Friedenreich não era escalado em nenhum dos dois. Uma homenagem que se prestava ao autor do gol da vitória do Brasil em 19. Nem branco nem mulato, sem cor, acima dessas coisas.³⁴

Mário Filho, provavelmente nesse trecho, faz menção ao jogo “Preto vs. Branco”, quando diz que Friedenreich não teria atuado em nenhuma das equipes. Sua narrativa difere do que revelam os jornais paulistanos sobre aquele jogo ritual realizado no dia comemorativo da abolição da escravatura em São Paulo. As fontes indicam que Friedenreich inicialmente jogou no time dos brancos, nas edições em 1927-28, realizadas entre paulistas e depois no dos pretos, em 1929 e 1932, em combinados de jogadores pretos, nos jogos entre paulistas pretos e cariocas brancos. Em síntese, esse é um típico exemplo de como a identidade racial poderia ser manipulada por Friedenreich naqueles contextos.

Mário Filho coloca Friedenreich numa espécie de “limbo racial”. Suas interpretações sobre futebol e relações raciais pautaram boa parte da historiografia e da sociologia do futebol brasileiro.³⁵ Por exemplo, Aquino³⁶ corrige Mário Filho em relação à participação de Friedenreich no time dos brancos, mas reforça a busca de branqueamento de Friedenreich:

[...] nesse contexto de discriminação a negros, mulatos e pobres, curiosamente foi um mulato claro o primeiro claro ídolo do futebol brasileiro. Chamava-se Arthur Friedenreich, era filho de um alemão com uma negra e tinha o apelido de “El Tigre”. *Ainda que nunca admitisse não ser branco, tanto que chegou a integrar uma seleção de brancos contra*

³³ RODRIGUES FILHO. *O negro no futebol brasileiro*, p. 112.

³⁴ RODRIGUES FILHO. *O negro no futebol brasileiro*, p. 119.

³⁵ SOARES. *História e a invenção das tradições*.

³⁶ AQUINO. *Futebol: uma paixão nacional*, p. 41.

outra de mulatos e negros, Fried era inegavelmente mulato-claro, com cabelos bem crespos. Nascido em São Paulo, jogou em diversos clubes, conquistando as maiores glórias no Clube Atlético Paulistano, tendo atuado na seleção brasileira entre 1914 e 1935. Segundo a FIFA, Friedenreich chegou a marcar mais gols que Pelé, em geral, considerado o maior artilheiro de todos os tempos. De acordo com as estatísticas, Pelé assinalou 1282, ao passo que Fried teria feito 1929.³⁷

Agostino apresenta, no apêndice do livro de Mário Filho, os perfis dos jogadores negros ou mulatos mais expressivos do futebol brasileiro e elenca Friedenreich, destacando alguns fatos da sua biografia como a convocação em 1914, para aquela que seria a primeira seleção nacional da história do futebol brasileiro: “Nada comum na época, a presença de um jogador mulato na seleção brasileira contrastava com os pressupostos assumidamente racistas que até então imperavam na República Velha”.³⁸ A trajetória do jogador teria sido pontuada pelo próprio esforço que empreendeu para ser aceito no ambiente social em que vivia, através de artifícios e práticas que visavam “promover seu próprio ‘branqueamento’, uma representação emblemática dos caminhos de inserção de negros e mulatos no futebol brasileiro de então”.³⁹

Bellos, jornalista inglês que viveu e trabalhou no Brasil, também reproduz Mário Filho, ao descrever os primórdios do futebol brasileiro e a participação de Friedenreich naquele contexto:

[...] aos poucos jogadores mestiços começaram a se infiltrar nos grandes clubes. Eles eram induzidos a sentir vergonha da sua cor. Arthur Friedenreich, filho de um imigrante alemão com uma mãe negra brasileira, tinha a pele branca apesar do cabelo enrolado. Antes dos jogos ele procurava alisá-lo ao máximo, cobrindo-o com brilhantina e enrolando uma toalha em volta como um turbante.⁴⁰

Mazzoni, o principal narrador da história do futebol em São Paulo, destaca a virtuosidade técnica de Friedenreich. Em nenhum momento o jornalista indica a ancestralidade ou identificação racial desse personagem. No capítulo dois de seu livro, ele anuncia “Surge Friedenreich”:

³⁷ AQUINO. *Futebol: uma paixão nacional*. p.41

³⁸ AGOSTINO. *Perfis dos primeiros craques negros e mulatos do futebol brasileiro*, s/p.

³⁹ AGOSTINO. *Perfis dos primeiros craques negros e mulatos do futebol brasileiro*, s/p.

⁴⁰ BELLOS. *Futebol: o Brasil em campo*, p. 37.

[...] Fried foi um fenômeno extraordinário do futebol. Tornou-se a figura número um do “association” do nosso país, como foi a de Carlos Gomes na música, de Rio Branco na diplomacia, Rui Barbosa na jurisprudência, Bilac na poesia, Santos Dumont na aviação etc. Mereceu ser chamado, em 1919, de um dos “maiores brasileiros vivos”. Então sua fama atingiu o auge, juntamente com a fama do futebol nacional. Seu nome imortalizou-se. Fried, sem dúvida, é um imortal para nosso esporte. Seu nome saiu da cidade, foi para o interior, para o sertão, atravessou fronteiras... Sua figura é lendária, e será recordada eternamente pelo mundo brasileiro esportivo!

A criança-prodígio de 1909, que já era orgulho daquele que fora o autor de seus dias, Oscar Friedenreich, e que foi também o seu principal animador e torcedor até findar a sua honrosa existência, devia ser “El Tigre” de 1919. Depois foi o “sábio”, o “vovô” de 1935. Nos seus 26 anos de faustosa carreira futebolística, Fried “descobriu” todos os segredos da arte da pelota. Herói de mil batalhas, o artífice de mil vitórias. Os seus tentos foram pequenos “capolavoros”. Toda a ciência do popular jogo ele a conheceu. Foi completo, completíssimo... Tudo ele teve, nada deixou de fazer com a bola. Foi técnico e estilista, improvisador e construtor, artilheiro e fintador, compassado e astuto. A sua arte, uma maravilha...

Jogou com imaginação e intuição, com inteligência e vivacidade, com lealdade, elegância, correção e audácia. Os seus tentos, os seus passes, as suas fintas tiveram precisão mecânica e estilo inconfundível, segurança absoluta e técnica acabada. Todo seu jogo foi um espetáculo, como raro outro avante, desde que o futebol existe no mundo, o executou. Em um quarto de século, o jogo de Fried criou um verdadeiro dicionário da sua arte. Em arte, tanto o foi de futebol científico, como bizarro, de fantasia, volúvel e positivo, alegre e efetivo.

Que gênio! Que fenômeno!⁴¹

Diferentes das passagens anteriores, em que a ancestralidade materna foi acionada para chamar à atenção de sua origem negra, nesta passagem Mazzoni não trata da questão racial, nem da ancestralidade e nem da cor de Friedenreich. Ele destaca aspectos técnicos do jogador que teria sido aquele que inaugurou a excelência da escola brasileira de jogar futebol. Ele era do Ipiranga, tinha sobrenome alemão e olhos verdes, o que importaria o destaque da cor da pele ou raça do jogador? Para Mazzoni, identificá-lo como mestiço poderia significar uma marca de desprestígio do seu herói. A heteroidentificação racial de pessoas é algo desconfortável em nossa cultura e, geralmente, se usam eufemismos para a identificação de pretos nas relações públicas ou face-a-face, outra estratégia é a invisibilidade da cor. Mazzoni, filho de imigrantes italianos, viveu o Brasil da Belle Époque, assistiu a Friedenreich jogar e a cultuar o helenismo daquele período. Ele,

⁴¹ MAZZONI. *História do futebol brasileiro*, p. 73.

como ex-praticante de futebol, sabia reconhecer a singular virtuosidade de Friedenreich. Ele fora socializado na cultura do embranquecimento e destacar a mestiçagem de Friedenreich talvez causasse desconforto e provavelmente significaria dar luz a uma dimensão do personagem, ainda vista na época como negativa. Friedenreich talvez fosse um arquetípico mulato machadiano: “nem rejeitado, nem admitido”.⁴²

Friedenreich frequentava dos campos enlameados da várzea aos estádios dos clubes de elite, revelando os dilemas do país naquele contexto: “a trajetória de Friedenreich poderá nos mostrar muito sobre essa sociedade híbrida que se modernizava baseada? num modo de vida europeu, mas ainda fortemente marcada por práticas enraizadas no nosso passado colonial”.⁴³ Ainda para o autor, Friedenreich ajuda a “cristalizar esse *ethos* brasileiro, ao mesmo tempo em que deixa transparecer em seu jogo e em sua vida como esportista, como homem, como paulista e como brasileiro, as faces do homem urbano moderno”.⁴⁴

Gonçalves Jr.⁴⁵ destaca o fato de Friedenreich ter sido apropriado como um dos mestiços simbólicos primordiais do ser brasileiro, anteriormente usado como uma espécie de novo bandeirante pelo discurso da paulistanidade na fundação da metrópole, na reinvenção de São Paulo: “tal qual enigma que pode servir a qualquer um ousar vencer o assombro e lograr desvendá-lo”. Para Gonçalves Jr.,⁴⁶ uma análise mais atenta em relação às matérias de jornais e revistas, que tratam dos episódios da carreira de Friedenreich, são extremamente reveladoras desse jogo de identidade, que o permitia usar aquele mundo a seu favor e ser usado por ele: “ser branco ou negro, paulista ou brasileiro, atleta de clube aristocrático ou peladeiro varzeano, era tudo questão de contexto e circunstâncias”. Além disso, indicavam que “personagem ele deveria assumir, que aspecto da sua identidade seria o mais pertinente em cada ocasião”.⁴⁷

[...] um brasileiro que não é branco se passar por “outro”, fingir ser algo que não é em função de uma necessidade, real ou imaginária. Muito provavelmente essa ambivalência de Friedenreich aliado à forma estética

⁴² GONÇALVES JR. *Friedenreich e a reinvenção de São Paulo*, p. 100.

⁴³ GONÇALVES. *Friedenreich e a reinvenção de São Paulo*, p. 7.

⁴⁴ GONÇALVES. *Friedenreich e a reinvenção de São Paulo*, p. 7.

⁴⁵ GONÇALVES JR. *Friedenreich e a reinvenção de São Paulo*, p. 100.

⁴⁶ GONÇALVES JR. *Friedenreich e a reinvenção de São Paulo*, p. 69.

⁴⁷ GONÇALVES JR. *Friedenreich e a reinvenção de São Paulo*, p. 89.

como jogava e seu reconhecido talento como jogador fez do atleta Friedenreich, o ídolo e o herói Friedenreich. O duplo padrão comportamental obedecido pelos mestiços como Friedenreich – de ser negro e ser branco – configura-se, pode se dizer, em um vetor crucial desse modelo sociocultural brasileiro da negociação. Friedenreich não era um negro e não era um branco. Mas podia se parecer com um negro ou podia se parecer um branco. A negociação não se dava apenas com o meio e com o “outro, mas também comigo próprio, com sua própria identidade. E neste trocar de máscaras de acordo com a necessidade acabou conformando a especificidade maior não apenas de Friedenreich, mas também desse grupo híbrido que é a sociedade brasileira. Em caráter ambíguo, de alguma forma, contribuiu para levar Friedenreich às glórias da seleção brasileira, ao sucesso no Paulistano, à fama conquistada na Europa. Graças a esta ambivalência advinda da negociação e de sua capacidade de colocar a bola nas redes – que provavelmente tenha até sido fruto desse seu caráter polissêmico e de uma riqueza técnica obtida talvez ainda em função desse intercâmbio cultural – pode-se apontá-lo como o melhor jogador “branco” de seu tempo e o melhor jogador “negro” do seu tempo.⁴⁸

Como os jornais da época lidavam com esta ambiguidade? Salathiel Campos, jornalista negro e militante do Movimento Negro na época, era um dos que tinha uma percepção diferente sobre a ambiguidade de Friedenreich. Ao estudar a militância deste jornalista e a inclusão de jogadores negros no futebol de São Paulo, através dos seus escritos, entre os anos de 1926 a 1938, Souza⁴⁹ indica que Salathiel discordava do pensamento hegemônico da época, que pensava Friedenreich como o maior jogador de futebol de sua época. Talvez esta discordância estivesse relacionada à controversa do mestiço que jogava no aristocrático Paulistano. No livro *O homem negro no esporte Bandeirante* (1934), Salathiel Campos critica os negros que negam a raça. Ele lembra que nas primeiras edições dos jogos de brancos contra pretos Friedenreich compõe o quadro branco nos jogos realizados em São Paulo. Em 1929, ao contrário, joga pelo selecionado paulista de jogadores pretos contra cariocas pretos e em 25 de maio de 1932 foi ele quem escolheu o time de pretos na acachapante derrota para os brancos por 6 a 1. Friedenreich “é de fato uma figura complexa. Se dizemos que jogo de futebol é uma guerra simbólica, “Friedenreich foi um agente duplo”.⁵⁰ Nesta direção, Gonçalves Jr.⁵¹ considera que Friedenreich parece mais “ambíguo que preciso, mais flexível do que exatamente um

⁴⁸ GONÇALVES JR. *Friedenreich e a reinvenção de São Paulo*, p. 106.

⁴⁹ SOUZA. *Esporte e Política (1926-1938)*, p. 119.

⁵⁰ SOUZA. *Esporte e Política (1926-1938)*, p. 119.

⁵¹ GONÇALVES JR. *Friedenreich e a reinvenção de São Paulo*, p. 103.

paulista ou um brasileiro, mais indeterminado do que um mulato que surgiu das várzeas ou o branco do paulistano”. É justamente a ambiguidade e a forma pela qual a sociedade opera as clivagens sociais e raciais que permite a Friedenreich usar a máscara social que desejasse ou que desejassem que ele assumisse.

Lucena⁵² sugere dois aspectos que podem ser úteis para entender a questão de jogadores de futebol como Friedenreich, a saber: “o seu tempo já marca o início de uma busca por se tornar um ‘artista autônomo’; a representação de ser um ‘profissional’ entre ‘amadores’ e que em sua percepção o ex-jogador “se situa neste vértice e muito que desempenhou e representou no futebol deve-se a aspectos dessa relação sociológica ainda em aberto e pouco discutida nas análises sobre o esporte no Brasil”.⁵³ O texto aqui procurou seguir nesta direção através dos vestígios da biografia do ex-jogador, imiscuída com a cena da época, especialmente o destaque à sua participação nos jogos simbolicamente importantes nos primórdios do futebol que colocavam em destaque as tensões raciais e a perspectiva de conciliação naquele Brasil.

Ao analisar a relação de negros e brancos em São Paulo, no século posterior à abolição, Andrews⁵⁴ salientou que embora os pardos (mestiços ou mulatos) ocupassem uma posição intermediária entre os pretos e os brancos na hierarquia racial, sua posição era muito mais próxima dos pretos que dos brancos, fato que levou cientistas sociais a concluir que no Brasil a “linha de cor” parece estar localizada entre os brancos e os não brancos e não entre os pardos e os negros, como se poderia acreditar. Isso seria uma evidência de que a “condição racial do moreno está mais associada ao status racial negro que ao branco”.⁵⁵ Esse argumento é reforçado por Bastide e Fernandes⁵⁶ que assinalam a forte linha divisória entre “negros” e “mestiços”, de um lado, e “brancos” de outro, que ainda seriam reminiscências do século XIX. Coincidentemente ou não, características fenotípicas como cabelo, cor, nível socioeconômico, são aspectos que emergem da biografia de Friedenreich, quando a literatura do futebol brasileiro o trata como objeto de análise.

⁵² LUCENA. Fried, o futebol e a individualização do *sportman*, p. 230.

⁵³ LUCENA. Fried, o futebol e a individualização do *sportman*, p. 230.

⁵⁴ ANDREWS. *Negros e brancos em São Paulo (1888-1988)*, p. 385.

⁵⁵ ANDREWS. *Negros e brancos em São Paulo (1888-1988)*, p. 385.

⁵⁶ BASTIDE; FERNANDES. *Branco e negro em São Paulo: ensaio sociológico sobre aspectos da formação, manifestações atuais e efeitos do preconceito de cor na sociedade paulistana*.

CONCLUSÃO

Friedenreich se tornou um herói de várias cores na época em que o futebol passou a figurar como elemento da identidade brasileira. Poderia se reconhecer como branco, poderia se reconhecer como preto, mestiço ou mulato, segundo expressão da época. Tinha como ascendência a mãe negra⁵⁷ e o pai alemão, que lhe dera o sobrenome pelo qual era reconhecido. Sua aparência, as relações de autoidentificação e heteroidentificação na época e seu prestígio no futebol permitia que jogasse na equipe de brancos ou pretos nestes jogos comemorativos e rituais. Duas ressalvas devem ser feitas: a primeira é que não encontramos nos periódicos da época nada que fosse relacionado às críticas relativas a preconceito de cor em relação à Friedenreich; a segunda é que também não encontramos vinculações dele com o movimento negro da época ou com a imprensa negra que tinha no futebol dos anos 20 e 30 do Século XX, um objeto para denunciar preconceitos raciais e de posituação do preto⁵⁸ no futebol e na sociedade.

A biografia de Friedenreich dialoga com as características do “preconceito à brasileira” interpretado, entre outros estudiosos, por Oracy Nogueira como “preconceito de marca”. Diferentemente do preconceito racial e irredutível ao preconceito de classe, a especificidade do preconceito que se desenvolveu no Brasil atingiria até mesmo pessoas pretas e pardas das camadas superiores, como parece ser o caso do ex-jogador. Friedenreich, à exceção do seu cabelo crespo, reunia muitas marcas de embranquecimento naquela sociedade: cor da sua pele, um sobrenome alemão, seus pertencimentos aos clubes de elite – o Ipiranga e o Paulistano –, e seu comportamento social, marcas essas que o embranquecia. Essas marcas parecem ter neutralizado sua negritude e a ancestralidade negra de sua mãe. Observe que ela é quase invisibilizada nas narrativas de sua trajetória biográfica, em geral ela aparece como a mãe preta que se casou com alemão, explicando a origem mestiça de Arthur Friedenreich. O pai é descrito como alguém presente nos campos de futebol acompanhando o filho. Como branco e alemão, ele é retratado com nome e sobrenome, Oscar Friedenreich. Relembramos que o nome da mãe, Matilde, pouco

⁵⁷ O nome da mãe, Matilde, raramente aparece nas narrativas sobre Friedenreich.

⁵⁸ ABRAHÃO; SOARES. Imprensa negra e o futebol em São Paulo no início do século XX, p. 63-76.

aparece nas narrativas sobre o jogador. Não precisamos entrar aqui na evidente questão de gênero e raça que também atravessava aquele espaço social e temporal.

A mestiçagem de Friedenreich jamais se limitou à dimensão biológica, pois as narrativas enfatizam a “mestiçagem social” quando descrevem sua experiência com os diferentes mundos. Ele iniciou sua atuação no futebol nos campos populares dos terrenos baldios (chamados de campos de várzea) e frequentou os clubes da capital paulistana, assim ele representa a síntese da mistura de tradições culturais, de classe e de “sangue” que teria produzido a originalidade do futebol nacional e de nossa cultura. Essa é uma narrativa com forte eficácia simbólica ainda hoje, apesar da ascensão e do reconhecimento dos movimentos negros. Friedenreich é o personagem que ora é tratado como alguém que buscava o reconhecimento e o embranquecimento, ora é representado como o primeiro herói negro do futebol brasileiro. Ele serve como um coringa para a produção das narrativas.

A biografia de Friedenreich apresenta um personagem que encarnou a ambiguidade de como pretos e mestiços foram assimilados ou discriminados, a partir de uma complexa avaliação que considera a variação cromática da pele, as características físicas, sobretudo faciais, os traços comportamentais, culturais e econômicos. Tal avaliação pode embranquecer, empretecer ou ocultar as marcas raciais do personagem, a depender do contexto da época, dos analistas ou das demandas do presente quando ele se torna objeto de debate das relações raciais no esporte e na sociedade. Deste modo, podemos considerar que a biografia do ex-jogador de futebol Friedenreich dialoga com a ambiguidade das marcas do “preconceito à brasileira” e aglutina as especificidades dos critérios de identificação de brancos e pretos no Brasil.

* * *

REFERÊNCIAS

- ABRAHÃO, Bruno Otávio de Lacerda; SOARES, Antonio Jorge Gonçalves. A imprensa negra e o futebol em São Paulo no início do século XX. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 26, n. 1, p. 63-76, 2012.
- ABRAHÃO, Bruno Otávio de Lacerda; SOARES, Antonio Jorge Gonçalves. O ex-jogador de futebol Arthur Friedenreich nos museus da cidade de São Paulo. In. **Revista Lusófona de Estudos Culturais**, v. 7, n. 2, 2020, p. 93-111.
- ABRAHÃO, Bruno Otávio de Lacerda; SOARES, Antonio Jorge Gonçalves. O futebol na construção da identidade nacional: uma análise sobre os jogos "pretos x brancos". **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, 26 (1), 47-61, 2012.
- ABRAHÃO, Bruno Otávio de Lacerda; SOARES, Antonio Jorge Gonçalves. Raça e civilidade nos jogos "preto x branco". **Movimento**, v. 22, n. 4, p. 1137-48, 2016.
- ABRAHÃO, Bruno Otávio de Lacerda; SOARES, Antonio Jorge Gonçalves. Futebol, raça e identidade nacional: uma análise do desempenho dos jogadores nos jogos preto x branco. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 39, p. 183-190, 2017.
- AGOSTINO, Gilberto. Perfis dos primeiros craques negros e mulatos do futebol brasileiro. In.: RODRIGUES FILHO. **O negro no futebol brasileiro**. 4ª Edição. Rio de Janeiro: Mauad, 2003.
- ANDREWS, George. R. **Negros e brancos em São Paulo (1888-1988)**. Bauru: Edusc, 1998.
- AQUINO, Rubim. S. **Futebol: uma paixão nacional**. J. Zahar: Rio de Janeiro, 2003.
- BASTIDE, Roger; B. FERNANDES, Florestan. **Branços e negros em São Paulo: ensaio sociológico sobre aspectos da formação, manifestações atuais e efeitos do preconceito de cor na sociedade paulistana**. São Paulo: Global, 2008.
- BELLOS, Alex. **Futebol: o Brasil em campo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.
- CAMPOS, Salathiel. *O homem negro no esporte Bandeirante* II[I]. **Correio Paulistano**. São Paulo, p. 7. Edição 24089, 05 out. 1934a.
- CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro. Apresentação. In: NOGUEIRA. **Preconceito de marca: as relações raciais em Itapetininga**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo. 1998.
- CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro. **Oracy Nogueira e a Antropologia no Brasil: o estudo do estigma e do preconceito racial**. Caxambú: 19º Encontro da ANPOCS, 1995.
- DAMATTA, Roberto. Esporte na sociedade: um ensaio sobre o futebol brasileiro. In: _____. (Org.). **Universo do futebol: esporte e sociedade brasileira**. Rio de Janeiro: Pinakotheke, 1982.
- DAMO. Arlei. **Do dom à profissão: a formação de futebolistas no Brasil e na França**. São Paulo: Hucitec, 2007.

- GONÇALVES Jr. René Duarte. **Friedenreich e a reinvenção de São Paulo: o futebol e a vitória na fundação da metrópole.** História Social da FFLCH, USP, 2008.
- GUIMARÃES, Antonio Sérgio A. Preconceito de cor e racismo no Brasil. **Revista de Antropologia**, v. 47. São Paulo: USP, 2004.
- LUCENA, Ricardo. Fried, o futebol e a individualização do *sportman*. In: GIGLIO, S. S.; PRONI, M. W. (Orgs.). **O Futebol nas Ciências Humanas no Brasil.** Campinas, SP: Editora da Unicamp, p. 220-231.
- MAZZONI, Thomaz. **História do futebol brasileiro.** São Paulo: Olympicus, 1950.
- NOGUEIRA, Oraci. **Preconceito de marca: as relações raciais em Itapetininga.** São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo. 1998.
- NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História**, 10, p. 7-28, 1993.
- RODRIGUES FILHO, Mário. **O negro no futebol brasileiro.** 1ª ed.. Rio de Janeiro: Mauad, 1947.
- RODRIGUES FILHO, Mário. **O negro no futebol brasileiro.** Rio de Janeiro: Mauad, 2003.
- SEVCENKO, Nicolau. **Orfeu extático na metrópole: São Paulo, sociedade e cultura frementes anos 20.** São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- SOARES, Antonio Jorge G. História e a invenção das tradições. **Revista Estudos históricos**, Rio de Janeiro, v. 13, n. 23, p. 119-146, 1999.
- SOUZA, Bruno Jeuken. Salathiel Campos. **Esporte e Política (1926-1938).** Dissertação Mestrado em História. Universidade de São Paulo, 2017.
- WISNIK, José Miguel. **Veneno remédio: o futebol e o Brasil.** São Paulo: Companhia das Letras. 2008.

* * *

Recebido em: 21 de dezembro de 2021.
Aprovado em: 03 de dezembro de 2022.